



RICARDO LIMA

Mostra apresenta o olhar de 22 profissionais e artistas com estilos distintos

Por Ana Carolina Martins

Vivemos cercados por fotografias... Elas chegam em ritmo frenético pelas telas dos celulares, atravessam redes sociais, registram viagens, refeições, encontros e acontecimentos cotidianos. Nunca se produziu tanta imagem como na atualidade. Entretanto, paradoxalmente, talvez nunca se tenha olhado tão pouco para elas.

E é justamente contra essa instantaneidade e banalização que a exposição “A Oitava Arte: Fotografia, Arte Essencial II” se insurge. Em vez do consumo imediato, ela se propõe à contemplação. No lugar do gesto automático de deslizar a tela, convida o visitante a permanecer diante da imagem e observar a luz, a composição, as texturas, os silêncios e as histórias que existem para além do instante congelado pelo obturador.

A mostra será aberta na próxima quarta-feira, dia 5/8, às 19h, na Galeria de Arte do Centro de Convivência, até 29/8, com entrada gratuita. A exposição integra a programação do XVI Festival Hercule Florence, reunindo 44 fotografias produzidas por 22 profissionais e artistas de diferentes trajetórias, linguagens e pesquisas visuais.

Não há um tema único nem um roteiro previamente estabelecido. O elo entre as obras acontece pela maneira como cada fotógrafo transforma o cotidiano em linguagem artística, revelando que toda fotografia é, por definição, uma forma particular e única de olhar.

Essa talvez seja a principal diferença entre a fotografia produzida para o consumo instantâneo e aquela que ocupa as galerias. Enquanto uma busca informar ou compartilhar um momento, a outra convida à interpretação. A imagem deixa de ser apenas registro para tornar-se narrativa, metáfora, memória e emoção.

Essa transformação consolidou a fotografia como uma das mais importantes manifestações das artes visuais contemporâneas. O ato de fotografar envolve

Quando a fotografia aprende a respirar

Exposição convida a redescobrir a imagem enquanto experiência estética e contemplativa

escolhas estéticas tão complexas quanto as da pintura ou da escultura. O enquadramento, a incidência da luz, o tempo de exposição, a composição e, sobretudo, a sensibilidade de quem está atrás da câmera fazem de cada fotografia uma obra absolutamente singular.

A curadoria das galeristas de arte contemporânea Ligia Testa, de Campinas, e Rosita Cavenaghi, de São Paulo, reflete essa multiplicidade ao reunir profissionais e artistas com estilos distintos, unidos pela capacidade de transformar a imagem em experiência estética. “A ideia de chamar a fotografia de ‘oitava arte’ é sedutora, ainda que não seja exatamente consensual do ponto de vista histórico. Por isso, é importante reconhecê-la como essencial: a fotografia deixou de ser apenas um registro técnico para se firmar como uma das linguagens centrais da arte e da cultura visual contemporânea”, afirma Ligia.

Para Rosita Cavenaghi, a fotografia deve ser compreendida também por sua dimensão coletiva e social. “A fotografia molda a nossa memória coletiva, redefine a forma como percebemos o real e democratiza a produção de imagens”, afirma.

Ao percorrer a galeria, o visitante perceberá que nenhuma imagem pretende oferecer respostas prontas. Cada foto abre uma possibilidade de leitura, desperta lembranças, provoca estranhamentos ou simplesmente convida à contemplação. Em tempos dominados pela rapidez e pelo excesso de informação, talvez esse seja seu maior mérito: devolver ao olhar o tempo que ele perdeu.

Participam da exposição vários fotógrafos e artista, entre eles, a colonista do **Jornal Correio da Manhã**, Huguette Gallo.

A exposição nos convida a reaprender a olhar. Afinal, em um mundo saturado de imagens, talvez a verdadeira experiência estética esteja em dedicar alguns minutos para contemplar uma única imagem até que ela, silenciosamente, comece a respirar.



HUGUETTE GALLO

Imagem da mostra “A Oitava Arte: Fotografia, Arte Essencial II”